

## **Entre Sabores e Ritos: uma Etnografia do Maior Cuscuz do Mundo à Luz dos Rituais Culturais**

**MARIA IZABEL CORDEIRO DE LIMA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

**JOYCE SOARES DA SILVA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

**EDUARDO LUIS CÂNDIDO BEZERRA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

**MARIANNY JESSICA DE BRITO SILVA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

**MARIA RAIZA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

# ENTRE SABORES E RITOS: Uma Etnografia do Maior Cuscuz do Mundo à Luz dos Rituais Culturais

## 1. INTRODUÇÃO

O consumo é uma prática comum entre os indivíduos, uma manifestação social que pode ser estimulada pelo ambiente onde a pessoa está inserida (Turunen, 2024). Essa ação envolve etapas significativas e é permeada por uma série de rituais (Oliveira, 2024; Rook, 1985). Esse processo ritualístico não se limita apenas a cerimônias que marcam transições de vida; ele reflete experiências amplas, abrangendo diferentes estágios de mudança, repetições e práticas recorrentes (Fontes & Lodi, 2024). O processo ritualístico é guiado por um roteiro que orienta o consumidor em todas as etapas da experiência (Cozzio & Furlan, 2023; Matsushita, 2024; Rook, 1985). Pode ser vivenciado de modo individual (Borges & Torres, 2023) ou coletivamente, recebendo assim a influência das pessoas de convívio próximo (Nery & Rezende, 2019). Isso amplia as possibilidades de compartilhamento de experiências e favorece o alinhamento com tendências de consumo (Fontes & Lodi, 2024).

Pois os vínculos podem ter uma grande influência nos rituais, especialmente quando estão atrelados a tradições familiares (Sperber, 2025). Isso significa que a formação identitária estabelecida nos primeiros laços pode impactar os costumes que buscam o autoconhecimento (Fernandes et al., 2021). Os rituais que envolvem gerações são, em geral, caracterizados pela transmissão de ensinamentos (Turunen, 2024). Esse processo se torna ainda mais amplo quando o indivíduo conquista novos espaços sociais, sendo impulsionado a descobertas, à diversidade de vínculos e, conseqüentemente, a novos significados para si mesmo (Machado et al., 2019). A participação em eventos culturais que exibem comportamentos e a visualização de seus registros pode aumentar o desejo de participação, conquista e replicação no próprio comportamento (Crewe & Gregson, 1998).

Um aspecto comunitário que une a vivência experiencial ao repasse das manifestações culturais são os festivais (Intason et al., 2021; Rossetti et al., 2024). A participação nesses eventos é uma oportunidade de visualizar a expressão da legitimidade identitária de um povo e sua importância social, econômica e cultural (Fiuza et al., 2024). O evento coletivo é caracterizado por danças, músicas, brincadeiras, comidas e jogos, que são expressões únicas de um povo (Silva, Enoque & Borges, 2019). Em síntese, o festival é essencialmente um ritual, sendo a expressão mais fiel da vida social e política de uma comunidade.

Dessa forma, o evento em si é totalmente dependente de uma legitimidade que se manifesta por meio dos sentimentos pessoais de orgulho em pertencer a um determinado grupo (Ghosh, Kisku & Chakrabarty, 2024). Em complemento a isso, destacam-se o respeito ao espaço e a permissão para que outros indivíduos também participem, proporcionando experiências de fomento a interações interculturais (Pessina, 2024). Essa movimentação social pode ser impulsionada pela atratividade turística, pelo boca a boca, pelas divulgações em plataformas de mídia e pelos possíveis patrocínios (Rossetti et al., 2024). Por conseguinte, os festivais podem promover o bem-estar, favorecendo um espaço celebrativo de envolvimento social e troca de experiências (Intason et al., 2021).

Na região nordeste do Brasil, o mês de junho é marcado por celebrações em torno dos santos católicos Antônio, João e Pedro (De Arruda, 2024; G1, 2025). A diversidade da realização de festivais é caracterizada por elementos comuns, tais como fogueiras, fogos de artifício, roupas xadrezes, quadrilhas, danças e comidas típicas (Barros, 2023; Dias, 2025). Sua dimensão cultural também influencia todo o país, resultado da divulgação turística visando ao fomento cultural e da migração de pessoas que, embora não residam mais na região, continuam espalhando a tradição (Lima, 2013). Conseqüentemente, as festividades juninas romperam o localismo e passaram por um processo de adaptação constante, o que levou os festivais a

aderirem a características únicas, como é o caso do Festival do Maior Cuscuz do Mundo, realizado no São João de Caruaru-PE.

O Festival do Maior Cuscuz do Mundo surgiu em 1993 com o intuito de promover uma caminhada com um tom de festividade junina para amigos próximos e, em seu encerramento, devido ao cansaço físico, distribuir uma comida típica da região, no caso o cuscuz (Lagos, 2023; Martins, 2015). Assim, a especificidade da caminhada passou a chamar atenção, atraindo pessoas interessadas em experienciar a festividade e degustar a comida típica. Conseqüentemente, o evento tornou-se um festival gastronômico, entrando para a lista de eventos tradicionais juninos do São João de Caruaru e incentivando a criação de mais eventos gastronômicos de comidas típicas gigantes espalhados pela cidade.

Por isso, surgiu em nós o interesse em uma compreensão participativa das manifestações culturais que ocorrem no Festival do Maior Cuscuz do Mundo, em qual se desenvolveu o uso da abordagem metodológica qualitativa e etnográfica. Tendo como o nosso interesse no desejo de compreender como os participantes constroem significado no festival, que é a expressividade de uma cultura local, sendo experienciado por indivíduos como nós, inseridos em seu ambiente natural e expressando a cultura aos visitantes no convite à experiência (Venkatesh, 2017).

Diante disso, a pergunta de pesquisa desta nossa etnografia é: **Quais são as experiências ritualísticas vividas pelos participantes do Festival do Maior Cuscuz do Mundo, em Caruaru-PE?**

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo serão apresentadas as principais bases conceituais pelas quais a pesquisa está baseada. Este capítulo se inicia com uma explanação sobre a Teoria do Ritual, na sequência, discorre-se sobre Rituais Culturais, buscando contextualizar e aprofundar a compreensão do fenômeno investigado.

### 2.1 Teoria do Ritual

A teoria do ritual constitui um campo interdisciplinar que compreende práticas simbólicas repetidas, socialmente estruturadas e culturalmente significativas. Autores como Turner (1974), Leach (1968), Goffman (1985), Lévi-Strauss (1989) e Geertz (1968) reconhecem os rituais como elementos fundamentais para a manutenção da coesão social e para a expressão de identidades coletivas, estes também podem ser entendidos como uma manifestação alegórica de uma sequência de acontecimentos (Campbell, 2018; Cozzio & Furlan 2023).

Para Turner (1974), os rituais operam como mecanismos de transição social e cultural. A ideia de *communitas*, que surge na fase liminar, revela o potencial dos rituais para criar vínculos emocionais e experiências coletivas significativas — elementos que também se manifestam em contextos de consumo simbólico, como celebrações, festivais ou experiências de marca (Siriyota & Chokpiriyawat, 2025; Turner, 1974). O que corrobora com Nery e Rezende (2019) e que afirmam o aspecto coletivo dos rituais e como estes podem ser influenciados por indivíduos próximos.

Edmund Leach (1968), por sua vez, enfatiza a função comunicativa dos rituais, considerando-os como formas de linguagem estruturada que operam por meio da repetição e da codificação simbólica. Já Geertz Clifford (1968), com sua abordagem interpretativa, entende os rituais como textos culturais que expressam, de forma densa e simbólica, os valores de uma sociedade. Para o autor, interpretar os rituais é compreender os sistemas simbólicos que organizam a cultura. Para Erving Goffman (1985), ao analisar as interações cotidianas sob uma perspectiva dramaturgica, propõe que os indivíduos encenam papéis sociais por meio de gestos

e rituais interacionais. Tais sequências ritualizadas contribuem para a manutenção da ordem social.

Os rituais podem ser compreendidos como uma demonstração simbólica familiar e expressiva de eventos e comportamentos (Campbell, 2018; Cozzio & Furlan, 2023). Em que é possível visualizar a presença de um roteiro com começo, meio e fim (Rook, 1985; Matsushita, 2024). Dessa forma, o ritual se configura como uma prática complexa, formal e estruturada (França & Silva, 2022; Matsushita, 2024), sendo passível de transformação. Para Xavier (2023), os rituais podem ser mais rígidos e outros mais maleáveis, dependendo de fatores como a política, cultura e questões sociais. Dessa forma, este estudo adota como base teórica o conceito de ritual proposto por Rook (1984; 1985; 2007), por oferecer uma abordagem aplicada às práticas cotidianas uma perspectiva integra dimensões simbólicas, sociais e subjetivas, permitindo a análise dos rituais como elementos formadores de identidade e de significados culturais.

## **2.2 Rituais Culturais**

Os rituais culturais constituem práticas sociais que expressam simbolicamente valores e tradições compartilhados por um grupo. Exemplos comuns são as festas de São João e eventos familiares como aniversários, que reforçam laços sociais e identitários (Rook, 1985; Sperber, 2025). Nesse sentido, os rituais culturais de um povo refletem seus comportamentos, formas de expressão e modos de agir, funcionando como canais simbólicos por meio dos quais se comunicam experiências e significados vividos coletivamente (França & Silva, 2022; Hanif et al., 2024).

Para Rook (1985), o ritual ocorre quando se tem quatro elementos em um único evento: I) artefatos - objetos que transmitem uma certa mensagem e conferem maior significado ao evento (Kapoor et al., 2022); II) roteiro – se estabelece a ordem dos comportamentos a serem realizados e pode ser mais ou menos flexível de acordo com o tipo de ritual; III) papel ritualístico – definição do papel de cada indivíduo presente no ritual, atribuindo suas atividades e funções, uns podendo atuarem como protagonistas e outros passivos durante a cerimônia (Nery e Rezende, 2019); e, por último, IV) o tipo de público, uma vez que cada ritual é direcionado a uma audiência específica.

Além disso, apresentam ampla diversidade, podendo ser influenciados por fatores situacionais e ambientais, como casamentos, festividades religiosas ou eventos sociais marcantes (Rook, 1985, 2007). Caracterizados por sua natureza cíclica e enraizados em um tempo e espaço específicos, os rituais são práticas socialmente reconhecidas que enfatizam a representação coletiva e a inserção no tempo social (Tetreault & Kleine, 1990; Hanif et al., 2024). Essas práticas não apenas refletem, mas também moldam o sistema simbólico compartilhado por um grupo, sendo capazes de conservar ou transformar o status dos indivíduos ou coletividades dentro de uma estrutura social ou simbólica mais ampla (França & Silva, 2022).

Nesse contexto, Douglas e Isherwood (2004) ressaltam que os rituais atuam como mecanismos de transmissão e preservação de significados sociais, por meio de convenções públicas que reforçam os valores e as normas de uma sociedade. Através deles, circula uma rede de significados afetivos e cognitivos que, embora multifocais e passíveis de múltiplas interpretações, são partilhados e reconhecidos coletivamente (Tetreault & Kleine, 1990). Nesse sentido, a repetição é destacada como elemento essencial, pois garante a eficácia simbólica e a continuidade das práticas culturais ao longo do tempo (Rook, 2007; Silva Nogueira et al., 2020).

## **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste estudo, desejamos representar a realidade social mediante a visualização da expressividade junto aos participantes, experienciando o Festival do Maior Cuscuz do Mundo, guiados por uma metodologia qualitativa (Bauer & Gaskell, 2017). Isso é justificado pelo nosso interesse em uma análise participativa do cotidiano dos participantes, na compreensão das manifestações coletivas que acontecem no ambiente e na percepção de como os indivíduos atribuem sentido ao fenômeno (Yin, 2016). Unido a isso está a etnografia, abordagem antropológica que também é utilizada nas ciências sociais e que nos favorece um contato próximo com as práticas culturais (Macêdo dos Santos et al., 2020).

A etnografia nos permitiu adentrar e experienciar juntamente com os participantes, registrando o fenômeno (Angrosino, 2009) de modo ativo. E isso aconteceu desde sua preparação, caminhada, conversas e interações com os demais participantes, degustação do alimento oferecido, finalização e dispersão. O evento em si já nos chamava a atenção pela capacidade de envolvimento de toda a população regional que atribui certa importância a esta festividade junina, como também pelo desejo de experimentar o famoso cuscuz. Na preparação, fizemos uso de uma vestimenta apropriada visando os desafios da caminhada, vendo-a como uma maratona intensa. A caminhada foi caracterizada por diversas interações na expectativa da degustação do alimento. Ao final do evento, compartilhamos o contentamento pelos dados coletados durante todo o processo. Nessa vivência, fizemos o uso da tecnologia para o registro de imagens (Schmidt et al., 2020). Acrescido a isso, também foi possível utilizar o caderno de campo para a realização das anotações (Oliveira & Figueiredo, 2021). Neste processo de ida a campo, foi possível perceber as normas, valores, costumes e rituais realizados no evento (Yin, 2016).

Acrescentando-se ao processo de ida ao campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com indivíduos que afirmaram ter participado do festival no ano de 2024. Essas entrevistas favoreceram o processo de confirmação das percepções e a coleta de dados (Silva et al. 2022). O roteiro das entrevistas explorou aspectos específicos das etapas que envolveram o antes, o durante e o depois da participação no evento. A princípio, foi perguntado sobre as motivações, preparativos, comunicação e promoção do evento. Em seguida, o roteiro foi direcionado para coletar informações sobre a localidade, emoções vivenciadas, socialização e experiência gastronômica. Por fim, os participantes falaram sobre o encerramento do evento, caracterizado pela pós-distribuição do alimento, as percepções experienciais ao longo do evento e seus aspectos culturais, econômicos e sociais, abrindo espaço para a narração das demais experiências vinculadas a essa participação. Assim segue a Tabela 1 com as principais informações dos participantes:

**Tabela 1 - Descrição dos participantes do estudo**

Nome	Sexo	Renda	Número de participações	Formação	Profissão	Cidade
P1	Masculino	R\$ 1.600,00	1	Superior completo	Professor	Caruaru
P2	Masculino	R\$ 3.500,00	10 +	Superior completo	Consultor de vendas	Caruaru
P3	Masculino	R\$ 1.518,00+	3	Superior incompleto	Auxiliar administrativo	Caruaru
P4	Feminino	R\$ 5.000,00	(não especificado)	Ensino médio completo	Comerciante	Caruaru
P5	Feminino	De R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00	3	Superior incompleto	Secretária	Garanhuns
P6	Masculino	R\$ 1.518,00	1	Superior incompleto	Desempregado	Caruaru

Fonte: elaborado pelos autores, (2025).

Os dados analisados neste estudo derivam de registros de observação participante ativa, com descrições detalhadas de entrevistas em profundidade, além de anotações, imagens e diários de campo. A observação participante está intimamente ligada a etnografia, e pode ser subdividida em duas vertentes: periférica e ativa, enquanto as entrevistas semi estruturadas não apenas exercem a função de coleta instrumental, mas também têm a finalidade de aprofundar as questões estudadas (Angrosino, 2009; Farias & Queiroz, 2020). As entrevistas ocorreram entre agosto de 2024 e maio de 2025, presencialmente e online através da plataforma *Google meet*.

Angrosino (2009) descreve que a análise dos dados em uma etnografia deve começar com três etapas: (1) a organização dos cadernos de campo, anotações e entrevistas em profundidade; (2) a leitura panorâmica de todo o material coletado (3) a criação de categorias, as quais emergem à medida que o pesquisador se envolve na análise e percebe o significado e a importância dos dados, adotando uma abordagem tanto descritiva quanto interpretativa.

**Tabela 2 - Características das entrevistas**

Nome	Data	Tipo	Tempo
P1	15/08/2024	Presencial	39:16 minutos
P2	30/10/2024	Online	38:46 minutos
P3	06/11/2024	Online	28:52 minutos
P4	04/02/2025	Online	41:17 minutos
P5	28/02/2025	Online	39:39 minutos
P6	17/05/2025	Online	12:34 minutos

Fonte: elaborado pelos autores, (2025).

## **4. DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Esta seção é dividida em quatro subseções, onde através das falas dos respondentes, respaldo teórico e fotos tiradas por nós que estiveram presentes na festividade primeiramente é apresentado: o ritual de preparação, seguido pelo ritual da caminhada realizada até o alto do Moura, o ritual de partilha do cuscuz e, por último, como se dá o retorno para casa após o evento.

### **4.1 Ritual de preparação**

O primeiro momento em que nasce a visualização do participante sobre o Festival do Maior Cuscuz do Mundo inicia-se através de um convite, que fomenta a sua curiosidade, procurando mais informações ou levando-o diretamente à aceitação, dependendo do tipo de persuasão da proposta. Essa persuasão pode ser feita de várias formas distintas, como segue nas falas:

Então, pela internet, Caruaru, inclusive, disponibilizou uma página específica para divulgar as atrações e foi através dessa página que a gente se informou de toda a programação do São João. (...). Da minha mãe. Ela queria conhecer, né? A gente tinha ido antes para outro pólo cultural e aí surgiu, na verdade, a partir do esposo dela, disse: Ah, a gente está tendo um cuscuz a gente poderia ir. Aí eu peguei e disse: é estamos aqui, vamos. Aí foi isso.(P1)

Mas ele é a boca a boca mesmo. Já começaram a falar para um que falaram para outro e no dia toda a multidão no terminal do maior cuscuz do mundo no Alto do Moura. (P4)

Então a oportunidade que eu tive de ir foi porque meu namorado que mora em Caruaru {...} me apresentou esse evento né, então quando eu comecei a namorar com ele, ele falou muito do Cuscuz, {...} então eu fiquei muito curiosa, disse assim ó, todo mundo reunido, só música de São João, eu disse, caramba, que coisa boa (P5)

Nos relatos, vemos comumente a divulgação do evento feita por meio de mídias sociais como rádio, Instagram e Facebook, mas também pela boca a boca e páginas online específicas dedicadas à promoção do Maior Cuscuz do Mundo, conforme declaram P4, P1 e P5. No entanto, percebe-se um processo de convencimento que transita entre o conhecimento do evento e a curiosidade, culminando na decisão de ir ao festival quando esse sentimento é incentivado por alguém próximo. Seja na esfera familiar, como no caso de P1, por meio de sua mãe, ou entre parceiros, como com o P5.

Essas pessoas executam um papel ritualístico (Rook, 1985) dentro do primeiro ritual vivenciado nesse festival, o chamado ritual de preparação, onde as funções são informalmente atribuídas, influenciando e motivando outras pessoas a fazerem parte da celebração. Sendo assim, atuam como agentes inspiradores e influenciadores que impulsionam os pares/grupos a fazerem parte do evento, despertando interesse por meio de suas vivências pessoais, como o caso do namorado de P5 ao falar de suas histórias no cuscuz gigante.

Chegado o dia do festival, vemos os preparativos para o evento se intensificar. Uma das principais escolhas a ser feita é relativa à vestimenta, que, de forma unânime entre os participantes, deve priorizar o conforto, tendo em vista a caminhada que se seguirá e o calor decorrente das altas temperaturas vivenciadas durante a festa. Recebemos diversos conselhos acerca de como deveríamos nos vestir para esse evento, a fim de que estivéssemos preparados; nos recomendaram o uso de tênis, roupas esportivas e protetor solar em função do percurso que seria cansativo.

Como o entrevistado P6 afirma: “Mas é legal uma regata e short, porque faz muito calor.” P5 complementa: “Olha, eu acredito que você tem que ir bem à vontade, né? Eu sempre vou de tênis, porque eu gosto de dançar muito, gosto de pular muito” E P4 acrescenta: “(...) com um calçado confortável, né? Que é para você, não vim ser machucar e não estar com dores na segunda-feira, né?”. P3 traz um elemento a mais: “A gente gosta de usar um chapéu de palha ou de couro, short para ir mais à vontade”. Nessa descrição, vemos que o objetivo dessas vestimentas é amenizar o calor, permitir que o indivíduo aproveite a festa mais confortavelmente, evitar possíveis dores no dia seguinte, além, é claro, da expressão cultural por meio de blusas com padrões em xadrez e chapéu de palha, trajes característicos da festividade junina. Assim, as roupas acabam se enquadrando como um artefato do ritual de preparação, algo planejado e simbólico (Kapoor et al., 2022; Nery & Rezende, 2019).

Depois de se arrumarem para a ocasião, procuram a melhor maneira de chegar ao local e reunirem-se ao grupo para chegar à festividade. Para a participante P5, isso começa um dia antes da festa; ela explica: “E eu moro em Garanhuns e sempre que chega perto do dia, eu sempre vou um dia antes pra lá, pra Caruaru (...)”. No nosso caso, dos pesquisadores, algumas pessoas se reuniram na residência de um dos autores e juntos pegamos um Uber para chegarmos ao ponto inicial da caminhada do cuscuz; outros foram direto para o local do evento, onde marcaram um ponto de encontro com os demais para seguirem na coleta de dados. O mesmo aconteceu com P3:

Como a gente já é daqui de Caruaru, não é, então a gente organiza os horários para sair todo o mundo junto, se encontrar lá. A galera que vem de fora já marca também no local.

Como muitas não sabem a localização. A gente sempre está enviando a localização pra ficar mais fácil para eles acharem (P3).

Nesse momento, podemos chamar de agrupamento, no qual as pessoas que vão participar dessa festividade se reúnem para que possam vivenciá-la. Os autores Tetreault e Kleine III (1990) e Rossetti et al. (2024) descrevem que os rituais são ações experimentadas de forma social, enfatizando um coletivo que é inserido em um contexto e tempo, refletindo de modo simbólico um determinado sistema, nesse caso, a tradição do cuscuz gigante.

No ritual de preparação, foi possível perceber um roteiro específico (Cozzio & Furlan, 2023), no qual se iniciou com o convite, depois a preparação em busca da vestimenta adequada e, por fim, o agrupamento das pessoas que iriam participar da festividade. Matsushita (2024) e Nery & Rezende (2019) destacam que o roteiro pode ser planejado, mas ao mesmo tempo flexível, dependendo do contexto de cada indivíduo que já é fundamentado e experienciado de maneira coletiva. Nesse caso, pode ser influenciado pelo comportamento corriqueiro diante de outros festivais.

#### 4.2 Ritual da caminhada

Após a chegada dos foliões, o trio-elétrico começa a tocar e, logo em seguida, inicia-se a caminhada para o Alto do Moura, onde será distribuído o cuscuz. É importante destacar que esse deslocamento não é apenas um meio de chegar à festa, mas sim a própria celebração que ocorre ao longo de todo o percurso. Os trios elétricos são artefatos essenciais que guiam a festa, concentrando as pessoas ao seu redor. Durante a caminhada, um elemento importante se faz presente: a banda entretém o público tocando músicas tradicionais da cultura regional, principalmente o forró. Em volta do trio elétrico, havia uma quantidade considerável de pessoas bebendo e dançando animadamente ao som do forró, acompanhando o trio lentamente. Tanto à frente quanto atrás do trio, era possível ver pessoas dançando. Como se vê nas Figuras 1, 2 e 3.

**Figura 1** Parte de Traz do trio Elétrico



**Figura 2** Parte de Frente do Trio Elétrico



**Figura 3** Multidão seguindo o Trio Elétrico



Os participantes descreveram esse momento como:

E assim, esse ano eu consegui acompanhar os trios desde o início, então a gente foi seguindo-os cantando todas as músicas, alguns, algumas marchinhas, alguns hinos e sempre a galera coloca né? Pra tocar e foi muito bom! (P3).

Até porque, assim, o trio elétrico, ele fascina a gente, a gente gosta de dançar, as músicas são todas raízes, né? Voltado estilo realmente para o forró (...) então, a música do Cuscuz é maravilhosa, é linda, a letra condiz com a emoção que a gente sente ao ver o trio elétrico ali a todo vapor e a gente realmente se divertindo bastante.” (P2).

Assim como na percepção de P2 e P3, o Festival do Cuscuz celebra a cultura nordestina, trazendo em seus elementos artefatos (Kapoor et al., 2022): como o forró, que é tocado há diversas gerações, fazendo as pessoas dançarem a um som conhecido e familiar, o que traz sentimentos de nostalgia. Pois, como Edmund Leach (1968) e Silva Nogueira et al., (2020) coloca, o ritual é um meio de comunicação, transmitindo sua mensagem de forma simbólica. Nesse caso, a música se caracteriza como um modo de louvar a cultura nordestina e as tradições típicas das festividades juninas. Entretanto, outros participantes perceberam que os arredores das festividades podem gerar um desfoque da principal mensagem transmitida, pois como trazemos em nosso diário de campo: “No evento há diversidade musical tanto nos trios elétricos quanto nas residências das pessoas que moram próximo ao trajeto do evento. Geralmente forró, piseiro, sertanejo, brega-funk e axé.” Como também P1 descreve e mostra na Figura 3:

Querendo ou não, a atração principal permanece sendo o trio, mas eu acredito que há uma dispersão de público mediante {...} a gente chegou a ver que tinha 11 pessoas saindo do trio para ir para o paredão {...}. Era muita gente que saía do trio para ir para o paredão. Hum. E o paredão estava tocando outros estilos musicais, funk e eletrônica e essas coisas assim {...}. Tanto que é por isso que a gente comenta, né? Ah, parecia mais um Carnaval, talvez justamente por isso. Ali não está a essência do São João. Ali está a essência de uma festa para curtir, para pular para estilo Carnaval, né? (P1).

**Figura 4** *Paredão ao longo da caminhada*



Um dos principais rituais e a caminhada do cuscuz, pode ser minimizado ou até mesmo prejudicado por barreiras ao longo do seu trajeto, onde algumas pessoas se afastam para ir aos minis paredões ao longo do caminho. Isso também gera uma poluição sonora no local, dada a diversidade de ritmos e a quantidade de paredões. Essas atitudes acabam sendo contraditórias ao pensamento de Crewe e Gregson (1998), que afirmam que o contato com elementos do

festival pode aumentar o desejo de participação. Mesmo que as pessoas sigam acompanhando o trio elétrico da festa do cuscuz, os paredões ao longo do caminho acabam atraindo e dispersando os participantes da festa principal. Sendo assim, essa é uma atividade que traz descrédibilidade ao Festival do Cuscuz e acaba dispersando o público, agindo de forma contraditória ao cultivo da cultura e tradição da festa central.

### 4.3 Ritual da partilha do cuscuz

Ao chegar no local do festival, nós observamos que os dois trios elétricos estavam estacionados, mas apenas um estava tocando música. As pessoas se aglomeraram junto às grades, onde o cuscuz era compartilhado. Enquanto o trio elétrico tocava, o cuscuz era distribuído entre os presentes. Havia um espaço reservado para a produção do cuscuz, no qual conseguimos permissão para entrar e coletar dados. Era um ambiente bem organizado, cumprindo os requisitos de higiene esperados. Cada um tinha um papel a desempenhar para que o cuscuz chegasse ao público. Havia diversas mesas, cada uma com um balde de manteiga, dois caldeirões (um com cuscuz que vinha da cuscuzeira gigante e o outro com complemento do prato principal), além de recipientes para servir o cuscuz, como pode ser visto nas Figuras 5 e 6.

**Figura 5** Cuscuzeira gigante



**Figura 6** Preparação do cuscuz



Quadro 5: Experiência gastronômica do cuscuz

Todo mundo gosta, para mim também. Eu amo, eu como todo ano e eu gosto muito. Se você terminar uma festa e não comer o cuscuz, então pronto, você não foi para o cuscuz (P2).

Muito bom, muito bem higienizado, muito bom, muito bem preparado. E cada ano ele se tornou mais gostoso. Bem lá no começo teve alguns que não deu certo, ficou um pouco cru, mas hoje, né? Existe o aperfeiçoamento e realmente hoje esse ano estava 'top'. Bom, quem comeu aprovou (P4).

Por questão de sabor, pra mim é perfeito. Sempre quando eu provo, ele sempre tá muito bemquentinho, fofinho, daquele jeito que a gente gosta. Pra mim, sempre é nota mil. A gente sempre vê todo ano que se tem aquele cuidado ao ser feito (P5).

Era quitute e manteiga.Ok, um cuscuz gostoso. O Cuscuz. O cuscuz era legal. O que eu peguei tinha muita manteiga, mas era legal (P6).

Bem para mim continua simbolizando isso de ser um momento de partilha e de comunhão de um alimento que é cultural, da nossa região e da nossa festa, da nossa tradição. Para mim, simboliza isso (P1).

Na edição de 2024, em que se deu esse estudo etnográfico, o cuscuz foi servido com quitute e manteiga, como aponta o entrevistado P6 e como pode ser observado nas imagens 6 e 7. Em seus relatos, todos os participantes apresentaram um olhar positivo e significativo relacionado ao alimento, indicando que vivenciaram uma agradável experiência cultural e gastronômica na qual exaltam principalmente o sabor. Alguns compararam com experiências anteriores no que se refere a esse ritual de partilha.

A vivência positiva é corroborada pelo fato de muitos participantes se servirem mais de uma vez, como pode ser visto na imagem 8, em que uma única pessoa está com 4 potes de cuscuz, sendo algo normal que nós observamos no momento da partilha. Dessa forma, o cuscuz se mostrou como o principal artefato do festival, transmitindo uma certa mensagem (Kapoor et al., 2022). Assim, tornou-se um momento de comunhão entre os participantes do festival, como relata o participante P1, e representados nas imagens 7 e 8.

**Figura 7** Partilha do cuscuz



**Figura 8** Repetição do Cuscuz



Uma declaração importante a ser apresentada é do participante P1:

Acho que todo o resgate de símbolos na nossa sociedade é importante. Então, quando a gente fala de é a questão de ser cuscuz, que é uma comida típica do nordeste, regional, de acesso a todo mundo, porque é um alimento barato, é um alimento das camadas mais pobres, inclusive da sociedade. Eu acho que assim é quando a gente resgata esses símbolos e a gente os valoriza. A gente está valorizando também a cultura dessas pessoas, que também acabam sendo representadas, por exemplo (P1).

Em sua fala, P1 traz o cuscuz como uma representação tanto regional quanto cultural e classista. Isso se alinha com a fala de Rook (1984), em que o ritual tem um papel de influenciar a identificação das ações exercidas, servindo como uma forma profunda de compreensão dos significados e simbolismos que o autor aborda de modo pessoal. Entretanto, quando partimos para os pensamentos de Douglas e Isherwood (2004) e Fiuza et al. (2024), temos uma expansão, em que o ritual se torna um modo de preservação dos significados sociais na identificação de um povo, assim se tornando uma representação das convenções públicas de uma sociedade.

#### **4.4 Retorno para casa**

Por fim, em nossa experiência ao retornar para casa, trazemos a seguinte anotação do diário de campo: Os foliões voltam o percurso a pé, o que é causado pelo impedimento do

trânsito no local. Contudo, as pessoas seguem animadas, com muita música e consumo de bebidas. Entretanto, neste momento, não há mais trios elétricos e alguns dos paredões de som já estão se dispersando. Cerca da metade do caminho precisa ser percorrido a pé; após esse trecho, as pessoas começam a embarcar em vans e Toyotas que vão para o centro da cidade ou para outras cidades, enquanto outros chamam Uber para retornarem para suas casas. Percebemos, que essa caminhada ocorre mais por uma dificuldade de locomoção imposta do que por um significado intrínseco, conforme P6 afirma: “mas só porque era ruim de sair mesmo”. Isso é corroborado pela imagem 9 e pela observação de que, ao atingir um certo limite, todos procuram uma forma mais rápida de voltar, buscando um meio de transporte. Há participantes que acabam se direcionando para outros eventos:

**Figura 9** *Volta para casa*



Quando termina o evento? A gente já emenda como parte do forró, a gente vem pra casa, toma banho, trocar de roupa, já se organiza pra descer pro pátio do forró(P3).

Sim, como todos os anos, após a distribuição do Cuscuz, eu ainda fico na festa, eu vou para o outro morro ainda. Fico por ali com alguns amigos, fico ‘me’ interagindo, a gente vai lá, dança um forrozinho também por ali, pegamos o trio e depois é que a gente retorna. Mas eu fico na festa sim, depois do Cuscuz (P2).

Olha após o evento eu gosto muito de passar ali {...} no Alto do Moura mesmo onde fica ali onde fica os barzinhos {...} que tem aquelas coisas lindas né aqueles {...} coisas de barro que eles fazem aquela avenida ali eu acho muito linda aquilo ali então eu gostei de entrar gosto de visitar (P5).

Há uma diversidade do que é feito depois da festa do cuscuz: alguns ainda permanecem nas barracas que estão distribuídas ao longo da caminhada, outros partem para outra festividade, uma vez que o cuscuz é um evento diurno e a maioria dos outros polos funciona à noite. Por fim, alguns só voltavam para casa, como P6: “Não, foi casa. Direto.” e P4: “Não. Após o término do cuscuz, a distribuição realmente acaba tudo. E partiu para casa. {...} não tem condições de ir para mais nada. É partiu casa”. Sendo assim, esta é uma etapa despadronizada e sem significado específico, não constituindo um ritual nesse momento.

Dessa maneira, ao finalizar essa análise, conseguimos criar um mapa que compila e descreve os rituais vivenciados no festival, como mostra a Figura 10, e os seus principais

**Figura 10** *Mapa dos Rituais Vivenciados no Festival do Cuscuz*

elementos, onde conseguimos mapear três rituais: o da preparação, caminhada e partilha. E concluímos que no momento de volta para casa não houve ritual, dada a sua falta de significado.



Fonte: elaborado pelos autores, (2025).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou uma melhor compreensão acerca das percepções ritualísticas no decorrer das experiências vividas por consumidores do Festival do Maior Cuscuz do Mundo, através de uma etnografia, respondendo à seguinte pergunta de pesquisa: Quais são as experiências ritualísticas vividas pelos participantes do Festival do Maior Cuscuz do Mundo, em Caruaru-PE? Este estudo resultou em contribuições práticas e teóricas, bem como no entendimento aprofundado sobre o que essa celebração representa para os entrevistados e as motivações por trás de suas participações no encontro cultural

O Festival do Cuscuz, sob a luz da teoria de ritual, mostrou-se intrinsecamente conectado à construção simbólica no que concerne à identidade coletiva e ao pertencimento vivenciados pelos participantes. A pesquisa terminou por revelar também que as práticas presentes no evento não se resumem a mero entretenimento, mas servem para as pessoas ali presentes reafirmarem sua cultura e tradições de forma coletiva. O estudo também favoreceu o entendimento mais abrangente acerca das dinâmicas ritualísticas presentes no festival em que se dividiu em três rituais — preparação, caminhada e partilha — trazendo em si os seus elementos, significados e simbolismo, também percebemos a inexistência de rituais para a volta para casa.

Em se tratando de contribuições teóricas, esta pesquisa auxilia no entendimento de como funciona o Festival do Maior Cuscuz sob a ótica de rituais culturais, bem como sua construção simbólica, acrescentando à literatura acadêmica existente, considerando que o evento ainda não havia sido estudado sob essa perspectiva. Além disso, foi possível criar um modelo teórico sobre os rituais existentes, no qual pode ser utilizado para embasamento de outros estudos. O

estudo também traz elementos da aplicabilidade social, que fomenta eventos culturais similares com o potencial de reforçar as tradições locais, além de valorizar o patrimônio imaterial.

Como contribuições práticas, vemos a necessidade de gerenciamento da organização desses eventos culturais. Este estudo pode vir a ser utilizado para aprimorar a experiência e torná-la mais funcional para os participantes, especialmente na questão do fluxo de pessoas e da logística do local quando a festividade chega ao fim. Isso envolve a necessidade de tornar o fluxo de pessoas mais acessível, liberando vias de acesso, disponibilizando transporte coletivo para o centro da cidade ou criando rotas alternativas exclusivas para pedestres.

No que concerne às limitações deste estudo, deve-se citar: a participação de apenas dois pesquisadores no festival, o número limitado (seis) de participantes que foram entrevistados, ainda que a pretensão inicial fosse de no mínimo dez entrevistas, o que, infelizmente, não foi atingido devido ao pouco tempo de coleta. Entretanto, essas limitações abrem espaço para pesquisas futuras, uma delas uma pesquisa quantitativa com maior quantidade de respondentes para que mais vivências sejam documentadas, gerando uma análise mais robusta e uma confirmação dos achados dessa pesquisa. Por último, encoraja-se que essa teoria de ritual seja aplicada em estudos de outras festividades de comidas gigantes, ou ainda que o Festival do Cuscuz seja estudado sob a luz de outras teorias, tais como: a jornada do consumidor, a teoria do sacrifício ou a teoria de experiência do consumidor.

## REFERÊNCIAS

- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa*. Bookman Editora.
- Angrosino, M. V. (2009). *Etnografia e observação participante*.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2017). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes Limitada.
- Barros, O. de. (2023). “O maior cuscuz do mundo” é feito em Caruaru-PE. *Pensar Piauí*. <https://pensarpiaui.com/noticias/o-maior-cuscuz-do-mundo-e-feito-em-caruaru-pe/21072>
- Borges, G., & Torres, L. L. (2023). A excelência acadêmica entorpecida. *Revista Lusófona de Educação*, 58, 13-30. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle58.01>.
- Campbell, C. (2018). Romantic Ethics and the Spirit of Modern Consumerism. *Cultural Sociology*. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-79066-4>.
- Cozzio, C., & Furlan, A. (2023). Ritual-based redesign of routines: an experimental approach in the restaurant industry. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 35(6), 2113–2135. <https://doi.org/10.1108/ijchm-01-2022-0056>
- Crewe, L., & Gregson, N. (1998). Tales of the unexpected: Exploring car boot sales as marginal spaces of contemporary consumption. *Transactions (Institute of British Geographers: 1965)*, 23(1), 39–53. <https://doi.org/10.1111/j.0020-2754.1998.00039.x>
- Da Silva Nogueira, A. L., Barboza, R. A., & Coelho, R. L. F. (2020). Que Tal um Chá? Um Estudo Sobre os Significados de Consumo de Chá Quente no Centro-Oeste Brasileiro. In *Congresso Latino Americano de Varejo e Consumo (CLAV)*.
- Da Silva, L. F., Penha, R., & Bizarrias, F. S. (2022). Entrevistas aplicadas em pesquisas qualitativas: da aplicação da entrevista à análise dos dados. *Revista de Gestão e Projetos*, 13(3), 1-9. <https://doi.org/10.5585/gep.v13i3.23326>.
- De Andrade Lima, E. C. (2020). A festa de São João e a invenção da cultura popular. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 11(23), 13-29.
- De Arruda, R. L. (2024). São João, Forró E Tradição: A Resistência De Um Ritmo Em Sua “Própria Festa. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, 34(2), 392-403. <https://doi.org/10.18224/frag.v34i2.13660>.

- Dias, A. B. (2025, June 12). *Festa Junina: conheça as diferenças das celebrações entre as regiões*. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/festa-junina-conheca-as-diferencas-das-celebracoes-entre-as-regioes/>
- Douglas, M.; Isherwood, B. (2004). *O mundo dos bens*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Farias, A. V. C., & Queiroz, Z. F. (2020). Etnografia como método de pesquisa em ciências da educação. In *tecnologias educacionais: ensino e aprendizagem em diferentes contextos* (Vol. 1, pp. 156-163). Editora Científica Digital.
- Fernandes, G., Cruz, M. R., & Passos, P. G. (2021). Brechós e o ritual por trás do garimpo. *Cultura (i) materiais e consumos*. p. 145-16. Perez, C. (2024). Semiótica dos afetos nos rituais de consumo: sensações, sentimentos e emoções. *MATRIZES*, 18(3), 329-346. [10.11606/issn.1982-8160.v18i3p329-346](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p329-346)
- Fiuza, T. F., Zucco, F. D., & Añaña, E. D. S. (2024). The roots of legitimacy in ethnic-cultural festivals and their influence on residents' loyalty: an analysis of two Brazilian Oktoberfests. *International Journal of Event and Festival Management*, 15(3), 358-376. <https://doi.org/10.1108/IJEFM-08-2023-0063>
- Floriano, M. P., Silva, A. H., & Klusener, M. V. (2024). Influência das motivações de uso do Instagram na formação do Consumo de Status: Uma análise com consumidores brasileiros. *Revista Organizações Em Contexto*, 19(38), 315-340. <https://doi.org/10.15603/2176-0985/roc.v19n38p315-34>
- Fontes, C. L. A., & Lodi, M. D. D. F. (2024). Souvenirs Olímpicos E Mascotes: Uma Análise Das Mudanças Do Consumo Ao Longo Do Tempo. *Gestão & Planejamento-G&P*, 24. [10.53706/gep.v.24.8247](https://doi.org/10.53706/gep.v.24.8247)
- França, F. G. de, & Silva, R. R. da. (2022). Caserna de símbolos: ação ritual, liminaridade, sofrimento e distinção na cultura policial militar. *Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia*. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2022.i3.a51257>
- G1 (2025). *Quem foram Santo Antônio, São João e São Pedro e por que eles são ligados às festas juninas*. (2025, June 12). G1. <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2025/06/12/quem-foram-santo-antonio-sao-joao-e-sao-pedro-e-por-que-eles-sao-ligados-as-festas-juninas.ghtml>
- Geertz, Clifford.(1968). *Islam observed: religious development in Morocco and Indonesia*. Chicago: University of Chicago Press.
- Goffman, D. S. (1985). *Izmir as a commercial center: the impact of western trade on an Ottoman port, 1570-1650*. The University of Chicago.
- Ghosh, A., Kisku, A., & Chakrabarty, P. (2024). Proposing Tribal Heritage Protection through Ethnotourism: A Study on Disom Sendra Festival of Ajodhya Hills in India. *Journal of Sustainability Research*, 6(2). <https://doi.org/10.20900/jsr20240008>
- Hanif, M., Parji, Maruti, E. S., & Wahyuni, R. S. (2024). Cultural resilience study: the role of the temanten mandi ritual in Sendang Modo on the survival of the surrounding community. *Cogent Arts & Humanities*, 11(1), 2304401. <https://doi.org/10.1080/23311983.2024.2304401>
- Intason, M., Lee, C., & Coetzee, W. (2021). Examining the interplay between a hallmark cultural event, tourism, and commercial activities: A case study of the Songkran Festival. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 49, 508-518. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2021.11.007>
- Kapoor, V., Belk, R., & Goulding, C. (2022). Ritual revision during a crisis: The case of Indian religious rituals during the COVID-19 pandemic. *Journal of Public Policy & Marketing*, 41(3), 277-297. <https://doi.org/10.1177/07439156221081485>
- Lassila, E., Heikka, E.-L., & Nätti, S. (2023). Supporting value co-creation through interaction during the pre-purchase customer journey: empirical evidence from B2B HR

- services. *Journal of Business & Industrial Marketing*, 38(13), 63–73.  
<https://doi.org/10.1108/jbim-12-2021-0552>.
- Lagos, T. (2024). *Há 30 anos, José Augusto dava início à tradição do Comidas Gigantes com o maior cuscuZ do mundo em Caruaru*. Thiago Lagos. <https://thiagolagos.com.br/ha-30-anos-jose-augusto-dava-inicio-a-tradicao-do-comidas-gigantes-com-o-maior-cuscuZ-do-mundo-em-caruaru/>
- Leach, E. R. (1968). Ritual. *International Encyclopedia of the Social Sciences* 13:520-526. New York
- Lévi-Strauss, C. (1989). A ciência do concreto. *O pensamento selvagem*, 12, 15-50.
- Lima, E. C. de Andrade (2013). A festa de São João e a invenção da cultura popular. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 11(23), 13-29.
- Ma, R., & Zhang, B. (2025). Understanding the impact of digital cue on consumer e-WOM for plant-based food: A situational experiment to explore the roles of sensory experience and social influence. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 87, 104370. <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2025.104370>.
- Macêdo dos Santos, L. F., Fernandes Ferreira, R., & Cardoso Ferreira, V. (2020). A etnografia aplicada ao campo da administração no Brasil.
- Machado, M. A. D., Almeida, S. O. de, Bollick, L. C., & Bragagnolo, G. (2019). Second-hand fashion market: consumer role in circular economy. *Journal of Fashion Marketing and Management*, 23(3), 382–395. <https://doi.org/10.1108/jfmm-07-2018-0099>.
- Martins, M. (2015). *Caruaru e o maior cuscuZ do mundo*. *Jornal do Commercio*. <https://jc.uol.com.br/social1/2015/06/15/caruaru-e-o-maior-cuscuZ-do-mundo/index.html>
- Matsushita, B. A. (2024). “uma tal aleluia”: a morte sob perspectiva neopagã e wiccaniana em água viva, de clarice lispector. *Revista Campo Da História*, 9(2), e281. <https://doi.org/10.55906/rcdhv9n2-019>.
- Nery, M. V. M., & de Rezende P. M. (2019). A construção de significados por meio de rituais de consumo de cervejas artesanais. *Perspectivas Contemporâneas*, 14(2), 125-143.
- Oliveira, T. (2024). “Respeito muito minhas lágrimas, e muito mais minhas risadas”: artefatos de moda, processos de identificação e construção de Estilo da comunidade Homoerótica Urso/Bear recifense. *dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, (40), 293-313.
- Pessina, L. (2024). Encountering Irish traditional music through virtual space: the experience of FleadhFest 2021. *International Journal of Event and Festival Management*, 15(1), 62-84. <https://doi.org/10.1108/IJEFM-12-2022-0106>.
- Rocha, A. L. C. D., & Eckert, C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. *Illuminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 21 (2008), 23 p.*
- Rook, D. W. (1985). The ritual dimension of consumer behavior. *The Journal of Consumer Research*, 12(3), 251. <https://doi.org/10.1086/208514>
- Rook, D. W. (2007). Dimensão Ritual do Comportamento de Consumo. *Revista de Administração de Empresas*, 47(1), 81-98.
- Rook, Dennis W. and Sidney J. Levy (1983), "Psychosocial Themes in Consumer Grooming Rituals," in *Advances in Consumer Research*, Vol. 10, eds. Richard P. Bagozzi and Alice M. Tybout, Ann Arbor, MI: Association for Consumer Research, 329-333.
- Rook, D.W. (1984). Ritual behavior and consumer symbolism. *Advances in Consumer Research*, v. 11, p. 279-284.
- Rossetti, G., Jepson, A., & Albanese, V. E. (2024). Food festivals and well-being: Extending the PERMA model. *Annals of Tourism Research*, 107, 103772. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2024.103772>.

- Schmidt, B., Palazzi, A., & Piccinini, C. A. (2020). Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 8(4), 960-966.
- Silva de Almeida, L. L., Gomes Enoque, A., & Fernando Borges, A. (2019). Empreendedorismo de Festas Populares: uma análise do modelo de dimensões proposto por Zeny Rosendahl para o estudo de festas religiosas católicas. *Teoria e Prática em Administração*, 9(2).
- Silva de Oliveira, J., & Dantas de Figueiredo, M. (2021). os espaços, as praticas e as etnografias nos estudos organizacionais brasileiros. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(21).
- Silva, L. F., Penha, R., & Bizarrias, F. S. (2022). Entrevistas aplicadas em pesquisas qualitativas: da aplicação da entrevista à análise dos dados. *Revista de Gestão e Projetos*, 13(3), 1-9.
- Silva Nogueira, A. L., Barboza, R. A., & Coelho, R. L. F. (2020, October). Que Tal um Chá? Um Estudo Sobre os Significados de Consumo de Chá Quente no Centro-Oeste Brasileiro. In *Congresso Latino Americano de Varejo e Consumo (CLAV)*.
- Silva, M. J. de B., & Farias, S. A. de. (2022). Meu corpo, suas regras? Reflexões sobre grupos de referência e sacrifício percebido pelo consumidor fitness. *Cadernos EBAPE BR*, 20(5), 720–739. <https://doi.org/10.1590/1679-395120210204>.
- Siriyota, K., & Chokpiriyawat, T. (2025). Service Recovery Strategy in Private Hospitals: The Role of Experience, Symbolic, and Functional Brand Images. *International Review of Management and Marketing*, 15(1), 214-231. <https://doi.org/10.32479/irmm.17306>
- Sperber, D. (2025). “Tikkun Olam”: Helène Aylon’s ecofeminist ritual art. *Journal of Aesthetics & Culture*, 17(1), 2327660. <https://doi.org/10.1080/20004214.2024.2327660>.
- Tetrault, M. A. S., & Kleine, R. E. (1990). Ritual, ritualized behaviour, and habit: Refinements and extensions of the consumption ritual construct. *Advances in Consumer Research*, 17, 31–38.
- Turner, Victor. (1974). *O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura*. São Paulo: Vozes.
- Turunen, L. L. M. (2024). From Resale to Reuse: Does Second Cycle Shape Fashion Consumption Habits? In *The Palgrave Handbook of Sustainability in Fashion* (pp. 77–96). Cham: Springer Nature Switzerland. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-69682-4\\_7](https://doi.org/10.1007/978-3-031-69682-4_7).
- Venkatesh, A., Crockett, D., Cross, S., and Chen, S. (2017). Ethnography for research marketing and consumption. *Foundations and Trends® in Marketing*, 10 (2), 61–151. <https://doi.org/10.1561/1700000000>.
- Vidal-Ayuso, F., Akhmedova, A., & Jaca, C. (2023). The circular economy and consumer behaviour: Literature review and research directions. *Journal of Cleaner Production*, 418(137824), 137824. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2023.137824>.
- Weber, P., Ludwig, T., Brodesser, S., & Grönewald, L. (2021, May). “It’s a Kind of Art!”: Understanding Food Influencers as Influential Content Creators. In *Proceedings of the 2021 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems* (pp. 1-14). <https://doi.org/10.1145/3411764.3445607>.
- Xavier, MS (2023). *Os Dervixes do Norte: Rumi, Whirling e a Criação do Sufismo no Canadá*. Imprensa da Universidade de Toronto.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Penso Editora.